

A RELAÇÃO ENTRE A LINGUÍSTICA E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA GRAMÁTICA NA ESCOLA: UM CONTRAPONTO DE DOIS MOMENTOS HISTÓRICOS

Adriana Silveira Bonumá BORTOLONI

Ana Lúcia Chelotti PROCHNOW

Silvana Schwab do NASCIMENTO

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo: Este artigo discute a Linguística e sua interação com o ensino de língua materna no fim dos anos 70 e início dos anos 80 no Brasil, contrapondo com dados da produção científica mais atual. Na Linguística, esse período foi fortemente marcado pelo discurso da mudança, o qual argumentava essencialmente quanto à necessidade de reformulação das concepções de linguagem e ensino da época. Assim, analisamos os artigos publicados em 2010 na Revista Brasileira de Linguística Aplicada, que abordam o ensino/aprendizagem de gramática. Tivemos como objetivos investigar o que tem sido produzido num período mais recente e, frente às ideias defendidas pelos linguistas no fim dos anos 70 e no início dos anos 80. Diante disso, foi possível observar que a produção científica contemporânea apresenta propostas de análise da gramática ancoradas nas bases teóricas do funcionalismo e do interacionismo sociodiscursivo, estando, contudo, ainda atreladas às inovações propostas para o ensino naquela época.

Palavras-chave: Linguística Aplicada. Gramática. Ensino.

THE RELATION BETWEEN LINGUISTICS AND THE TEACHING /LEARNING PROCESS OF GRAMMAR AT SCHOOL: A COUNTERPOINT OF TWO HISTORICAL PERIODS

Abstract: This article discusses Linguistics and its interaction with mother tongue teaching at the end of the 1970's and the beginning of the 1980's in Brazil, contrasting with current scientific production data. In Linguistics, this period was strongly marked by the discourse of change, which stated essentially about the need of reformulation of language and teaching conceptions of that time. Thus, we have analyzed articles published in 2010 in Revista Brasileira de Linguística Aplicada, which approach the teaching/learning of grammar. We aimed to investigate what has been produced in a more recent period and, contrasted with the ideas sustained by linguists at the end of 1970's and the beginning of the 1980's. Thus, it was

157

possible to observe that the contemporary scientific production shows proposals of grammar analysis based on the theoretical bases of functionalism and socio-discursive interactionism, although still linked to the innovations proposed for the teaching in that time.

Keywords: Applied Linguistics. Grammar. Teaching.

LA RELACIÓN ENTRE LA LINGÜÍSTICA Y EL PROCESO DE ENSEÑANZA DE LA GRAMÁTICA EN LA ESCUELA: UN CONTRAPUNTO DE DOS MOMENTOS HISTÓRICOS

Resumen: Este artículo discute la Lingüística y su interacción con la enseñanza de lengua materna a finales de los años 1970 e inicio de los 1980 en Brasil y la contrapone con datos de la producción científica más actual. En el campo de la Lingüística, ese periodo fue fuertemente marcado por el discurso de cambio, que argumentaba por la necesidad de reformulación de las concepciones de lenguaje y enseñanza de la época. Analizamos los artículos publicados en 2010 en la Revista Brasileira de Lingüística Aplicada, que abordan los temas de enseñanza/aprendizaje de gramática. Nuestro objetivo fue investigar lo que se produjo en un periodo más reciente y las ideas defendidas por los lingüistas a finales de los años 70 y comienzo de los años 80. Frente a esa realidad, fue posible observar que la producción científica contemporánea presenta propuestas de análisis de la gramática ancladas en las bases teóricas del funcionalismo y del interaccionismo socio-discursivo aunque, sin embargo, siguen unidas a las innovaciones propuestas para la enseñanza en aquella época.

Palabras-clave: Lingüística Aplicada. Gramática. Enseñanza.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Linguística passou a fazer parte do Currículo Mínimo do curso de Letras em 1963. Castilho (1983), vinte anos depois, destaca que, no fim dos anos 60, com a criação da ABRALIN e com o “Grupo de Estudos Linguísticos” (GEL), no estado de São Paulo, a Linguística teve “uma fase de ficar se olhando ao espelho, no contentamento enorme de ser novidade”. (Castilho, 1983, p.61) Depois disso, passou por um momento de expansão através da sua inserção nos programas de pós-graduação. O linguista comenta ainda que só nos anos 70 surgiram 10 revistas especializadas para divulgar as pesquisas, além das revistas que já eram tradição na época.

No fim dos anos 70 e início dos anos 80, período em que se constituía no Brasil o discurso da mudança, a Linguística passou a discutir com mais ênfase as questões relacionadas ao ensino da língua portuguesa, tendo em vista que, conforme Ilari (2009), a interação da Linguística com o ensino antecede essa época. Em 1957, Mattoso Câmara foi o primeiro linguista a escrever sobre o ensino em seu texto “Erros de Escolares como Sintomas de Tendências do Português no Rio de Janeiro”.

Assim, à medida que a Linguística foi incrementando suas bases teórico-metodológicas, o ensino de língua portuguesa foi se reformulando. Essa relação é responsável pela relevância pedagógica cada vez maior da Linguística, segundo Kato (1983).

Nesse sentido, o presente trabalho busca desenvolver uma breve reflexão em torno dos trabalhos publicados em 2010 no número temático sobre ensino e aprendizagem de gramática da Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Pretendemos verificar como e o que tem sido produzido sobre o ensino de gramática do português na escola, e se a produção acadêmica mais atual, em contraposição com as ideias defendidas pelos linguistas no fim dos anos 70 e no início dos anos 80, tem trazido algo de “novo” ou, em contrapartida, a maneira como o ensino ainda está atrelado às inovações propostas para o ensino naquela época.

O embasamento teórico que fundamenta essa discussão compreende os estudos de Ilari (2009), De Pietri (2003), Geraldi (1984) (2006), que tratam da Linguística e do ensino de língua portuguesa. Para isso, este estudo está dividido em cinco partes. Na primeira parte, aborda-se o ensino a Linguística e o ensino de língua portuguesa até o fim dos anos 70; na segunda, discute-se a Linguística e o ensino de língua portuguesa no fim dos anos 70 e início dos anos 80; em seguida, descreve-se a metodologia e o *corpus* da pesquisa; na quarta parte, realiza-se a análise propriamente, em que se busca contrapor os fundamentos do ensino de gramática da língua portuguesa em dois momentos históricos diferentes e, por último, nas considerações finais, confirma-se que, apesar de terem surgido teorias linguísticas que buscam incrementar o ensino de gramática da língua portuguesa na escola, no discurso da contemporaneidade ainda é possível observar marcas do discurso produzido nas últimas décadas do século XX.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. A LINGUÍSTICA E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA: QUESTÕES PRELIMINARES

No texto “Linguística e ensino da língua portuguesa como língua materna”, Ilari (2009) faz um percurso histórico da Linguística no Brasil, no qual deixa marcado desde o início da sua exposição que, apesar de ser uma ciência relativamente nova, já tem dado valiosas contribuições para os avanços do ensino do português como língua materna.

O autor menciona que as primeiras reflexões de um linguista sobre o ensino da língua foram feitas por Joaquim Mattoso Câmara, publicadas no ensaio “Erros de Escolares como Sintomas de Tendências do Português no Rio de Janeiro”, em 1957. Nesse trabalho, Mattoso Câmara, alicerçado na vertente estrutural dos estudos da língua, já demonstrava interesse em discutir questões relacionadas ao ensino da língua materna e marcar tendência.

Mattoso documentou e analisou uma pesquisa feita com 62 crianças entre 11 e 13 anos de idade, em um colégio do Rio de Janeiro, que realizaram, na época, o “Exame de Admissão”, quesito para o ingresso no chamado ensino secundário, ou ginasial. Seu propósito foi registrar certas tendências coletivas da língua coloquial no Rio de Janeiro, destacando os seus erros mais frequentes.

Conforme Ilari (2009), “a mensagem de Mattoso Câmara era altamente inovadora”, tendo em vista que suas pesquisas se embasavam nos pressupostos de uma ciência muito recente naquela época no Brasil, a Linguística.

Assim, Ilari (2009) avalia que “nos cerca de cinquenta anos que nos separam do texto de Mattoso Câmara, a Linguística brasileira foi uma disciplina extremamente dinâmica.” (ILARI, 2009, p.2)

Dentre as contribuições da Linguística, primeiramente, Ilari destaca a criação de uma nova figura de pesquisador profissional, o linguista. Até os primeiros anos da década de 1960,

no Brasil, período em que as primeiras disciplinas universitárias de Linguística foram criadas, questões relativas aos estudos da língua eram confiadas a gramáticos e filólogos. Outra é a promoção de discussões e debates entre várias orientações teóricas. Isso impulsionou a multiplicação das maneiras de se pensar a língua e seus estudos. E outra contribuição é que a Linguística serviu de suporte a uma série de teorias sobre fenômenos em que a língua se envolve tais como cognição, capacidade humana de agir e interagir etc.

Conforme o exposto, a Linguística passou a ser disciplina obrigatória nos cursos de Letras no início dos anos 1960. Segundo Ilari (2009), frente às circunstâncias históricas daquele momento, o Brasil passou a conhecer a abordagem de estudos da linguagem Estrutural, cuja tarefa principal, no estudo das línguas, era a apreensão da sua estrutura, a partir do comportamento linguístico observado.

Essa nova maneira de tratamento aos fatos da língua resultou em um impacto muito grande na época, como muito bem descreve Ilari (2009):

Aplicadas à situação brasileira, essas ideias levaram, antes de mais nada, a perceber que, no espaço comum do que reconhecemos como “o português brasileiro”, convivem várias ‘línguas’ no sentido estrutural do termo. Até então, os estudiosos faziam a respeito da língua uma imagem de grande uniformidade; mas de repente, percebeu-se que essa suposta uniformidade era o efeito de uma decisão nada óbvia e no fundo preconceituosa: a de considerar como objeto de estudo apenas a língua-padrão (e eventualmente os textos antigos, historicamente importantes, que constituíram sempre a preocupação dos filólogos). (ILARI, 2009, p. 6)

Foi diante desse “novo preceito”, segundo o qual para descrever a realidade linguística brasileira seria necessário *a priori* documentá-la, que surgiram trabalhos como o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* de Néelson Rossi (1960-62), o *Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta* (NURC), que teve Ataliba T. de Castilho como um dos seus maiores inspiradores, e o *Projeto da Gramática do Português Falado* de Ataliba T. Castilho.

Conforme Ilari (2009), a prática do ensino gramatical foi, de todas as práticas escolares, a mais questionada nesse contexto criado pela Linguística. O novo olhar de ensino de

gramática entendia que os verdadeiros objetos linguísticos dos falantes de uma língua eram textos, e não sentenças isoladas.

Na época, os professores de português resistiram em aderir às novas ideias, uma vez que o ensino de gramática, entendido como um aprendizado de nomenclaturas e um exercício de fixação, era o que predominava no ensino da língua materna. Nesse sentido, para Ilari o mérito da Linguística foi o de realizar “um importante deslocamento ao mostrar que é possível olhar para a língua por outros ângulos que não o da correção”. (Ilari, 2009, p. 9)

A partir desse momento, os estudos da ciência da língua foram se difundindo tanto nas escolas quanto na sociedade, ao mesmo tempo em que dentro das universidades brasileiras foram se inovando e dedicando-se a objetos cada vez mais complexos. Segundo Ilari,

De fato, eles passaram, por assim dizer, do fonema para o morfema, deste para a sentença e da sentença para o texto, e acabaram deparando com problemas que exigiam um enfoque interdisciplinar, como as relações entre língua e sociedade, exploradas pela Sociolinguística, os valores ideológicos veiculados pelos textos que circulam numa sociedade complexa, estudados pela Análise do Discurso, o desenrolar das etapas iniciais da aquisição e os distúrbios da linguagem, estudados por diferentes ramos da Psicolinguística, o papel da língua em sociedades primitivas, estudados pela Etnolinguística e pela Linguística Indígenas. (ILARI, 2009, p. 9)

Com relação às mudanças sofridas pela ciência da linguagem, Ilari (2009) ainda considera que, além de priorizar níveis de estudos cada vez mais complexos, a Linguística também teve consideráveis mudanças de orientação teórica. Dos primeiros linguistas brasileiros que se orientavam pelo *estruturalismo*, a Linguística passou, num segundo momento, aos ensinamentos da *gramática gerativa* de Noam Chomsky, depois para o *funcionalismo*, do holandês Simon Dik até a dos americanos Talmy Givón e Ronald Langaker e do inglês M. A. K. Halliday, e, num quarto momento, para teoria da gramaticalização.

Na parte do texto intitulada “Linguística e ensino da língua materna: o que se deve esperar dessa parceria?”, Ilari (2009) reitera que a parceria entre Linguística e ensino é benéfica.

Avalia que a Linguística tem ajudado a repensar questões de alfabetização, produção de texto e leitura, atividades consideradas básicas do ensino da língua materna.

Além disso, no fim dos anos 70 e início dos anos 80, em razão de o ensino da língua portuguesa ter sido alvo de denúncias, pois se encontrava em um momento de “crise”, os linguistas passaram a colaborar de diferentes formas. Os estudos e as pesquisas sobre o ensino ampliaram-se cabendo aos pesquisadores universitários propor uma reflexão crítica das práticas escolares.

1.2. A LINGUÍSTICA E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA: O DISCURSO DA MUDANÇA

Segundo De Pietri (2003), o discurso da mudança, que se constitui no Brasil nos fins dos anos 70, possui dois propósitos distintos: um de caráter social e outro constitutivo da própria Linguística. Ou seja, ao mesmo tempo em que cumpre uma necessidade interna da Linguística de se divulgar como ciência, o discurso da mudança socialmente volta-se ao meio não-acadêmico, em especial aos professores de língua portuguesa, tendo em vista a urgente reformulação das concepções de linguagem e das práticas de ensino da língua materna consideradas tradicionais.

Se, internamente, a Linguística brasileira começava a sofrer críticas mais fortes, por linguistas, devido a se limitar à aplicação de teorias importadas, em lugar de buscar uma identidade própria, mais voltada às questões nacionais, a preocupação com o ensino é vista em trabalhos do período como uma das maneiras de reiterar essa ciência da torre de marfim em que se encontrava. (DE PIETRI, 2003, p. 18)

Assim, o discurso da mudança se configura como uma reavaliação do papel da Linguística na sociedade brasileira e se encarrega de divulgar as teorias linguísticas, sociológicas e sociolinguísticas.

No que diz respeito ao ensino da língua materna, conforme De Pietri (2003), o discurso da mudança afirma a necessidade de:

i. considerar a diferença entre a língua da escola e a língua das camadas populares que começavam a chegar à escola; ii. considerar a realidade da variação linguística e respeitar a variedade de aluno; iii. relacionar ensino de linguagem e condições socioeconômicas com o objetivo de produzir práticas pedagógicas democráticas e transformadoras; iv. divulgar informações produzidas pela Linguística e outras ciências, a fim de alterar as práticas pedagógicas existentes. (DE PIETRI, 2003, p. 7)

Ilari (2009), da mesma forma, afirma que os trabalhos que começam a surgir nos anos 1980 mostram a necessidade de levar para a sala de aula os mesmos métodos de descoberta usados na Linguística, de fazer do texto o centro de ensino, ou de reformular as práticas vigentes à luz das descobertas da ciência da linguagem. Um exemplo deles é a coletânea *O texto na sala de aula*, organizada pelo linguista Wanderley Geraldi, em 1984.

Destacamos dois textos que fazem parte dessa coletânea: “Concepções de linguagem e ensino de português” e “Unidades básicas do ensino de português” ambos de João Wanderley Geraldi por serem textos que buscam subsidiar os professores de língua materna.

No primeiro deles, “Concepções de linguagem e ensino de português”, Geraldi alerta que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma ação política e que as respostas para a pergunta “para que ensinamos o que ensinamos?” e sua correlata “para que as crianças aprendem o que aprendem?” darão as diretrizes básicas para as questões que são postas em primeiro lugar no ensino: *como* ensinar, *o quando* ensinar, *o que* ensinar, dentre outras.

O referido autor afirma que “no caso da língua portuguesa, uma resposta ao ‘para quê?’ envolve tanto uma ‘concepção de linguagem’ quanto uma postura relativamente à educação”. (GERALDI, 1984, p. 42)

Quanto às concepções de linguagem, Geraldi (1984) aponta três fundamentalmente: a primeira delas, a linguagem entendida como expressão do pensamento, é a base do ensino de língua tradicional; a segunda, a linguagem vista como instrumento de comunicação, está ligada à teoria da comunicação e fundamenta o estudo estrutural (descritivo) da linguagem; e a terceira delas, a linguagem tomada como uma forma de “inter-ação”, compreende que, mais

do que transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é uma forma de interação humana, sendo a base da linguística da enunciação.

Geraldi justifica que as discussões que propõe no texto sobre as variedades linguísticas e ensino de língua/ensino de metalinguagem procuram se situar no interior da terceira concepção de linguagem. Entende que tal concepção implica em uma postura diferenciada, “uma vez que situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos”. (GERALDI, 1984, p. 43)

No segundo texto, “Unidades básicas do ensino de português”, João Wanderley Geraldi, fundamentalmente, dá sugestões de atividades práticas de leitura de textos, de produção de textos e de análise linguística (ensino gramatical) para todas as séries finais do ensino fundamental. O autor demonstra, na prática, a articulação entre a atividade de sala de aula e a concepção interacionista de linguagem.

Na introdução da parte do texto “A prática de análise linguística”¹, Geraldi (2006), dentre outras, faz as seguintes considerações: que o ensino da gramática deve partir do texto do aluno, como forma de auxiliá-lo; que as aulas de gramática devem ser planejadas a partir da leitura dos textos produzidos pelos alunos nas aulas de produção de texto; e que a prática de análise linguística deve se fundamentar no princípio de partir do erro para a autocorreção.

A partir dessas considerações, Geraldi expõe um conjunto de atividades possíveis para cada uma das séries finais do ensino fundamental, discutindo-as num “crescendo” de dificuldade quanto aos problemas de estrutura textual, problemas de ordem sintática, problemas de ordem morfológica, problemas de ordem “fonológica” e problemas de ordem estilística.

Todas as atividades sugeridas por Geraldi são apenas indicações, porém, o autor deixa bem marcada a intenção da sua proposta: “O que me parece essencial na prática de análise

¹ Comentaremos apenas essa parte do texto em função do objetivo deste trabalho de refletir sobre o ensino da gramática do português contrapondo dois momentos históricos.

linguística é a substituição do trabalho com metalinguagem pelo trabalho produtivo de correção e autocorreção de textos produzidos pelos próprios alunos”. (GERALDI, 2006, p. 68)

2. METODOLOGIA

2.1. O CORPUS DA PESQUISA

O *corpus* desta pesquisa é formado por quatro artigos publicados no número temático sobre o ensino e aprendizagem de gramática da Revista Brasileira de Linguística Aplicada, vol. 10, no 4, do ano de 2010.

Esse número é constituído de oito artigos e uma resenha. Os artigos são agrupados sob três temas, respectivamente: ensino de gramática de língua estrangeira baseado na forma; inovações no ensino de gramática e ensino de gramática de língua portuguesa.

Neste trabalho, nos voltamos aos quatro textos que constituem o terceiro agrupamento temático, que tratam do ensino de gramática de língua portuguesa. São eles “A gramática no ensino da língua portuguesa: à busca de compreensão”, de Graziela Angelo (UFMS); “Ensino Tradicional de Gramática ou Prática de Análise Linguística: uma questão de (con)tradição nas aulas de português” de Noadia Íris da Silva (UFPE); “O ensino de gramática na contemporaneidade: delimitando e atravessando as fronteiras na formação inicial de professores de língua portuguesa” de Kleber Aparecido da Silva (UnB), Eloisa Pilati (UnB) e Juliana de Freitas Dias (UnB); e “A língua em funcionamento nas práticas discursivas” de Adair Vieira Gonçalves (UFGD), Cláudia Lopes Nascimento Saito (UNICENTRO) e Elvira Lopes Nascimento (UEL).

2.2. UMA DESCRIÇÃO DO CORPUS

O primeiro texto realiza uma historiografia do ensino de gramática de língua portuguesa no Brasil das décadas de 1950 a 1970 e “discute a ideia amplamente divulgada na esfera acadêmica de que o ensino de gramática de Língua Portuguesa, de décadas atrás, no Brasil, se constituiu como um panorama contínuo e homogêneo”. (ANGELO, 2010, p. 931)

Com entrevistas feitas a quatro professoras de língua portuguesa, de 76 a 78 anos, a autora do texto buscou compreender esse passado com o objetivo de investigar como se constituíram seus discursos a respeito do ensino de gramática na escola. A partir disso, Angelo concluiu que o ensino daquela época não era homogêneo e apresentava espaço para posturas distintas daquela considerada tradicional.

O segundo texto investiga de que forma os professores de língua portuguesa das séries finais do ensino fundamental estão lidando como o embate entre a tradição escolar gramatical e as novas propostas de ensino recomendadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa no chamado Eixo de Reflexão e Análise Sobre a Língua. Parte do fato de que os professores se viram entre a rejeição a práticas tradicionais e as dificuldades para assumir uma nova postura.

No ano de 2008, Da Silva investigou a prática de dois professores que lecionavam nas turmas “A” e “B” do Ciclo IV ano II do Ensino Fundamental II em uma escola municipal da cidade de Recife, destacando como eles realizavam o Eixo da Reflexão e Análise Sobre a Língua. Foram realizadas entre 20 a 25 observações de aula de cada professor, produção de notas de campo, que eram escritas durante as observações, consulta dos cadernos dos alunos e realizações de entrevistas semiestruturadas. A autora concluiu que há a coexistência de diferentes perspectivas teórico-metodológicas na prática dos professores que atuam nesse nível de ensino.

O terceiro texto apresenta uma discussão voltada para a superação da concepção tradicional de ensino de língua e de ensino de língua, buscando uma concepção de linguagem capaz de subsidiar não só novas metodologias, mas, principalmente, capaz de remodelar o próprio conteúdo a ser ensinado.

Com base em propostas de vários pesquisadores, Da Silva, Pilati e Dias esboçam “uma abordagem de ensino transdisciplinar que tenta conciliar a proposta do inatismo com proposta de análise crítica do discurso, alinhavados com os princípios sociointeracionistas”. (DA SILVA, PILATI e DIAS, 2010, p. 992)

E o quarto texto, voltado para as práticas que enfocam a língua contextualizada, embasado nos fundamentos teóricos do interacionismo sociodiscursivo da Escola de Genebra e da vertente funcionalista, apresenta uma proposta de modelização didática de uma prática social que contribua para a elaboração de atividades didáticas em que se articulem aspectos linguísticos e discursivos emergentes do funcionamento da linguagem.

2.3. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DO CORPUS:

A análise dos textos se orientou pelos seguintes questionamentos:

1. O que cada um dos textos expõe sobre o ensino de gramática de língua portuguesa?
2. Os textos produzidos em um momento mais atual trazem algo de “novo” ou as inovações propostas para o ensino de gramática no fim dos anos 70 e início dos anos 80 continuam prevalecendo?

3. DISCURSO DA MUDANÇA E A PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA: UMA POSSIBILIDADE DE CONTRAPONTO

Nesta parte do trabalho, primeiro, apresentamos uma análise de cada um dos textos descritos acima. Na sequência, buscamos contrapor as ideias trabalhadas no fim dos anos 70 e início dos anos 80 e a produção acadêmica mais atual, no caso os quatro artigos comentados anteriormente.

Os dois primeiros artigos, “A gramática no ensino de língua portuguesa: à busca de compreensão” e “Ensino Tradicional de Gramática ou Prática de Análise Linguística: uma questão de (con)tradição nas aulas de português”, além de possuírem como tema central a gramática tradicional, a nosso ver, tem um caráter descritivo-reflexivo, ou seja, ambos descrevem uma pesquisa e apresentam seus resultados, os quais nos possibilitaram um “novo olhar” a questões que, de modo geral, se tem tido como definitivas.

A autora do primeiro texto, a partir de entrevistas com docentes que trabalharam nas décadas de 1950 a 1970, faz uma reflexão em torno da noção de gramática tradicional. E a autora do segundo investiga a forma como os professores de português enfrentaram o embate entre a tradição escolar gramatical e as propostas de ensino recomendadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, especificamente no Eixo da Reflexão e Análise Sobre a Língua, tendo em vista que estas tiveram como objetivo a superação daquela.

Além disso, os dois textos obtiveram conclusões que se assemelham. Os resultados obtidos nas duas pesquisas revelaram que tanto na época em que a gramática tradicional ocupava grande espaço nas aulas de língua portuguesa, entre 1950 a 1970, quanto no século XIX, a sala de aula é um lugar de diversidade, onde coexistem perspectivas teóricas e metodológicas diferentes. Ao contrário do que se pensava, então, esses resultados demonstraram que o ensino de gramática do português não se caracteriza só como tradicional, mas também há práticas que fogem à tradição e abrem espaço para posturas distintas. Nenhum deles, portanto, tem explicitamente a finalidade de subsidiar os professores de língua portuguesa na prática de ensino com a gramática em sala de aula.

Ao contrário, os textos “O ensino de gramática na contemporaneidade: delimitando e atravessando as fronteiras na formação inicial de professores de língua portuguesa” e “A língua em funcionamento nas práticas discursivas” caracterizam-se por apresentar uma proposta de prática de ensino de gramática do português.

No primeiro deles, no bojo da Linguística Aplicada e das novas perspectivas no campo da investigação, os autores discutem algumas questões sobre o ensino de gramática na atualidade e apresentam possíveis parâmetros para a constituição de novas práticas pedagógicas para o ensino de gramática e para a formação inicial de professores de língua portuguesa, com base nas perspectivas inatista e crítica da linguagem.

E, no segundo texto, os autores propõem um modelo didático com o gênero publicitário, com o qual acreditam que os professores conseguirão articular os conteúdos de ensino-aprendizagem de língua portuguesa com os preceitos de alguns documentos oficiais, a saber: Proposta Curricular de Língua Portuguesa do Estado de São Paulo (PCLP), Diretrizes

curriculares da Educação Básica do estado do Paraná (DCE) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Considerando que esses documentos postulam, como eixo do trabalho pedagógico, as práticas discursivas nos diferentes contextos de ensino da língua, Gonçalves, Saito e Nascimento pretenderam subsidiar os professores na articulação do trabalho realizado em sala de aula com aquilo que os documentos prescrevem.

A leitura e análise desses dois últimos textos, mais especificamente, nos possibilitou concluir que, contrapondo com as ideias divulgadas pela Linguística no fim dos anos 70 e início dos anos 80, sobre o ensino de gramática da língua portuguesa, não existe uma diferença substancial entre esses dois momentos, uma vez que tanto num quanto noutro existe o indicativo de se superar a abordagem gramatical puramente metalinguística.

Também, em ambas as épocas, a linguagem é compreendida não só como mera expressão do conhecimento, como uma forma de interação, conforme podemos verificar no excerto abaixo:

A língua(gem), além de se prestar ao ato comunicativo, configura a expressão do pensamento, sendo, sobretudo, uma forma de interação humana, política e social. É sob essa ótica que defendemos que as atividades de ensino devem oportunizar aos alunos o domínio de um sistema valorizado, ou seja, da norma padrão, sem que isso signifique depreciação da variante linguística de seu grupo social e regional de origem. (DA SILVA, PILATI e DIAS, 2010, p. 979)

Observamos, na passagem acima, que os autores compreendem a linguagem como forma de interação, ou seja, conforme a terceira concepção de linguagem apontada por Geraldini (1984). Esse linguista já afirmava que tratar os fatos da língua sob o escopo da interação implica, antes de mais nada, numa mudança de postura do professor de língua portuguesa, que necessita situar a linguagem como um lugar de constituição humana, política e social do sujeito.

Outra possibilidade de relação que realizamos a partir da citação acima, diz respeito à questão da variação linguística. Da Silva, Pilati e Dias entendem que a norma padrão da língua deve ser trabalhada nas aulas de língua portuguesa na condição de que não haja discriminação

da variante linguística do aluno, atendendo os pressupostos da sociolinguística, amplamente divulgados por Geraldi (1984).

O texto “O ensino de gramática na contemporaneidade: delimitando e atravessando as fronteiras na formação inicial de professores de língua portuguesa”, com o propósito de (re)construir uma abordagem para o ensino de gramática na contemporaneidade, acrescenta a noção de diálogo transdisciplinar de Chouliaraki e Fairclough (1999), que consiste em aplicar as categorias de diferentes disciplinas para o mesmo problema, sem, contudo, modificá-las. “Transdisciplinaridade” é um dos temas da atualidade e vem tendo um significativo espaço nas pesquisas em linguagem.

O texto “A língua em funcionamento nas práticas discursivas”, cuja proposta busca articular a abordagem funcionalista ao estudo da língua, tem como seus principais pressupostos teóricos os estudos de Bakhtin/Voloshinov (1995[1919]), Schneuwly e Dolz (2004) e Bronckart (2006). No momento em que os autores fazem referências aos estudos linguísticos da década de 80, Geraldi (1984) aparece como expoente fundamental. “Na década de 80, começava a ecoar a voz de Geraldi (1984) que, inserido na ‘virada pragmática ou comunicativa’, propunha ‘o texto em sala de aula’ e não a gramática, como a principal unidade de trabalho do professor de Língua Portuguesa”. (Gonçalves, Saito e Nascimento, 2010, p. 1001)

Dessa maneira, observamos que os autores desse texto reafirmam o legado de João Wanderley Geraldi, ao mesmo tempo em que apresentam uma abordagem contemporânea de estudo de gramática da língua portuguesa: a perspectiva funcionalista de ensino de gramática da língua articulada com o gênero de discurso, no caso, o gênero publicitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi refletir em torno da Linguística e do ensino da gramática de língua portuguesa, especificamente, contrapondo dois momentos históricos: um mais atual, de 2010, e outro datado no fim dos anos 70 e início dos anos 80.

A partir da leitura e da descrição da interação da Linguística com as questões de ensino de língua portuguesa e, num segundo momento, da leitura e da descrição de quatro artigos publicados no exemplar temático sobre o ensino de gramática da Revista Brasileira de Linguística Aplicada, vol. 1, n. 4, de 2010, buscamos observar se houve ou não, dos anos anteriores até o momento atual, uma mudança nos paradigmas.

Consideramos que os textos “O ensino de gramática na contemporaneidade: delimitando e atravessando as fronteiras na formação inicial de professores de língua portuguesa” de Kleber Aparecido da Silva, Eloisa Pilati e Juliana de Freitas Dias; e “A língua em funcionamento nas práticas discursivas” de Adair Vieira Gonçalves, Cláudia Lopes Nascimento Saito e Elvira Lopes Nascimento são textos de referência que divulgam teorias linguísticas científicas que vêm sendo mais estudadas nos últimos anos, como o funcionalismo e o interacionismo sociodiscursivo. Porém, ambos retomam as ideias difundidas por Geraldi (1984), confirmando a hipótese de que o fim dos anos 70 e o início dos anos 80 são históricos para os estudos da linguagem, configurando-se como um período em que a Linguística passou definitivamente a se voltar para as questões de ensino da gramática da Língua Portuguesa na escola.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Graziela. A gramática de língua portuguesa: à busca de compreensão. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v.10, n.4, p. 931-947, 2010.

CASTILHO, A. T. O papel da linguística na identificação do padrão linguístico. In: **Boletim da Abralin**, p. 60-66, 1983.

DA SILVA, K. A.; PILATI, E., DIAS, J. F. O ensino de gramática na contemporaneidade: delimitando e atravessando as fronteiras na formação inicial de professores de língua portuguesa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v.10, n.4, p. 975-994, 2010.

DA SILVA, Noadia Íris. Ensino Tradicional de Gramática ou Prática de Análise Linguística: uma questão de (con)tradição nas aulas de português. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v.10, n.4, p. 949-973, 2010.

DE PIETRI, E (2003). **O discurso da mudança do ensino de língua materna no processo de constituição da linguagem**. Tese de doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (org.) **O texto na sala de aula: leitura & produção**. 2. Ed. Cascavel: ASSOESTE, p. 41-48, 1984.

_____. Unidades básicas do ensino de português. In: GERALDI, J. W. (org.) **O texto na sala de aula: leitura & produção**. 4. ed. São Paulo: Ática, p. 59-79, 2006.

GONÇALVES, A. V.; SAITO, C. L. N.; NASCIMENTO, E. L. A língua em funcionamento nas práticas discursivas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v.10, n.4, p. 995-1024, 2010.

ILARI, R. **Linguística e ensino da Língua Portuguesa**. 2009. Disponível em: <http://www.museulinguaportuguesa.org.br>. Acesso em 12 de julho 2013.

KATO, M. O ensino de línguas após a implantação da linguística. In: **Boletim da Abralín**, p. 51-59, 1983.

Adriana Silveira Bonumá BORTOLONI

Professora de Língua Portuguesa do Colégio Militar de Santa Maria. Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Ana Lúcia Chelotti PROCHNOW

Professora de Língua Portuguesa do Colégio Militar de Santa Maria - CMSM Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Maria

Silvana Schwab do NASCIMENTO

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM